Volume II

Sexta Parte – 5

A Morte de Mary Seraskier, a Duquesa de Torres

*****

E agora chegou a hora de contar, se possível, e brevemente a história de minha perda – um luto tão intenso que nenhum homem, vivo ou morto, jamais poderia ter experimentado algo semelhante; e esclarecer como pelo fato de não só ter sobrevivido, mas mantive meu juízo (o que algumas pessoas parecem duvidar), porém, estou aqui com tranquilidade e alegremente escrevendo minhas reminiscências, num jantar, exatamente como se eu fosse um famoso acadêmico, ator, romancista - suavemente tagarela e satisfeito comigo mesmo e com o mundo.

Durante os últimos anos de nossa existência conjunta, Mary e eu, absortos em nossa fascinante jornada através dos séculos, tínhamos visto pouco ou nada da vida externa um do outro, ou melhor, eu não tinha visto nada dela (pois ela ainda voltava algumas vezes comigo para a minha prisão); eu só a vi quando ela escolheu aparecer em nosso sonho.

Talvez no fundo de tudo isso possa ter havido uma aversão feminina da parte dela em ser vista envelhecendo, pois em "Magna sed Apta" sempre tínhamos aproximadamente 28 anos – no nosso melhor. Havíamos verdadeiramente descoberto a fonte da juventude perene e bebido dela! E em nosso sonho sempre nos sentimos ainda mais jovens do que parecíamos; tínhamos a vivacidade das crianças e o frescor delas.

Frequentemente havíamos falado sobre morte e separação e o mistério além, mas apenas como fazem as pessoas para quem tais contingências são remotas; ainda assim, na realidade, o tempo voou tão rapidamente para nós quanto para os outros, embora fôssemos menos conscientes de seu voo.

Chegou o dia em que a vitalidade exuberante de Mary, tão constantemente sobrecarregada, cedeu, e ela ficou doente por um tempo; embora isso não tenha impedido nosso encontro como de costume, e não havia nenhuma diferença perceptível

nela quando nos conhecemos. Mas tenho certeza de que, na realidade, ela nunca mais foi a mesma de antes, e a terrível possibilidade de nos separar a qualquer momento surgia com mais frequência em nossa conversa; e frequentemente, as nossas Mentes eram como uma.

Ela sabia que se eu morresse primeiro tudo o que havia trazido para o “Magna sed Apta” (e o pouco que fosse) não estaria mais lá; até mesmo para o meu corpo, sempre deitado de costas no sofá junto à janela encantada, se ela tivesse acordado antes de mim por acaso para nossa vida em comum, ou permanecido depois que fui chamado para a prisão.

E eu sabia que, caso ela morresse, não apenas seu corpo no sofá ao lado, mas todo o próprio “Magna sed Apta” se derreteriam, e seria como se tudo nunca tivesse existido, com suas infinitas galerias e jardins e janelas mágicas, e todas as maravilhas que ali continha.

Às vezes, eu sentia um pavor horrível e ficava nervoso, ao mergulhar no sono, para não descobrir que era assim, e o prazer sempre celestial de acordar ali e encontrar tudo como era de costume, apenas mais intenso. Eu me ajoelharia ao lado de seu corpo inerte e a olharia com uma paixão de amor que parecia sido feito de todos os diferentes tipos de amor que um ser humano poderia sentir; até o amor de um cachorro por sua dona, estava ali contido, e o de uma fera para com seus filhotes.

Com vontade ansiosa e trêmula e com um suspense doloroso, eu observava o primeiro sopro de luz de seus lábios, o primeiro toque leve de carmim em sua bochecha, que sempre anunciava sua volta à vida. E quando ela abriu os olhos e sorriu, e esticou seus braços jovens e alongados pela alegria de acordar, transportando gratidão e alívio!

Ai de mim! que lembrança!

A espera

* * * * *

Por fim, uma noite terrível e inesquecível chegou quando meu pressentimento foi cumprido.

Acordei no pequeno depósito de “Parva sed Apta”, onde sempre estivera a porta que conduzia ao nosso palácio do deleite; mas não havia mais porta – nada além de uma parede em branco….

Acordei imediatamente na minha cela, num estado impossível de descrever. Senti que poderia ter havido algum engano, mas, depois de muito tempo e esforço consegui cair no sono novamente, porém, com o mesmo resultado: a parede em branco, a certeza de que “Magna sed Apta” estava fechada para sempre, de que Mary estava morta; e então, novamente o terrível saltei de volta à minha vida na prisão.

Isso aconteceu várias vezes durante a noite e, quando amanheceu, eu era um louco delirante. Eu agarrei o primeiro guarda que veio (atraído por meus gritos de “Mary!”)

pelo Coronel Ibbetson que tentei matá-lo, e deveria ter feito isso, mas ele era um homem enorme, quase tão poderoso quanto eu, e apenas metade da minha idade.

Outros guardas vieram em meu socorro, e eu os tomei como se fosse os Ibbetsons e lutei como o maníaco que era.

Quando voltei a mim, depois de longos horrores, febre e tudo o mais, fui removido da enfermaria da prisão para outro lugar, onde estou agora.

De repente, recuperei minha razão e acordei com uma agonia mental enorme, como algo parecido quando havia estado no banco dos réus e sido condenado a uma morte vergonhosa, como nunca tinha sequer sonhado.

Eu logo tive o conhecimento de minha perda confirmada, e soube (tinha sido uma conversa comum por mais de nove dias) que a famosa Mary, Duquesa de Torres, havia morrido na estação da Metropolitan Railway.

Uma mulher, carregando uma criança, foi empurrada por um homem bêbado no momento em que um trem estava entrando na estação e deixou seu filho cair sobre os trilhos. Ela tentou pular atrás dele, mas foi impedida, e Mary, que acabara de subir, saltou em seu lugar e, por um milagre de força e agilidade, foi capaz de agarrar a criança e subir a plataforma pelo caminho de quase dois metros quando o trem passou.

Ela conseguiu carregar a criança até o final do trem, quando foi ajudada a subir na plataforma. Era o trem dela, e ela entrou em uma carruagem, mas estava morta antes que ele chegasse à próxima estação. Seu coração (que, ao que parece, já estava doente há algum tempo) parou e tudo acabou.

Assim morreu Mary Seraskier, aos cinquenta e três anos.

* * * * *

Fiquei deitado por muitas semanas convalescendo meu corpo, mas em um estado de desespero interno, sem lágrimas, ao qual nunca houve um momento de alívio, exceto no sono sem sonhos que tive com o narcótico (cloral) que me foi dado em grandes quantidades – e então, despertei!

Nunca falei nem respondi a uma pergunta e quase nunca me mexi. Eu tinha uma ideia fixa – a da autodestruição; e depois de duas tentativas malsucedidas, eu estava tão amarrado e vigiado noite e dia que qualquer tentativa posterior era impossível. Eles não confiavam em mim nem mesmo com um palito de dente, um botão ou um pedaço de fio comum.

Tentei morrer de fome recusando todos os alimentos sólidos: mas uma sede intolerável (talvez artificialmente provocada) tornou impossível a recusa de qualquer líquido que fosse oferecido, e veja que fui seduzido com leite, chá de carne, vinho do Porto e licor, e isso me manteve vivo….

* * * * *